

ISSN - 0103-3239

R E V I S T A

# CAMONIANA

14

3ª série - vol. 14 - Bauru, São Paulo - 2003





Editora da Universidade do Sagrado Coração

*Coordenação Editorial*  
Irmã Jacinta Turolo Garcia

*Assessoria Administrativa*  
Irmã Teresa Ana Sofiatti

*Coordenação Geral*  
Luiz Eugênio Vécio

R E V I S T A  
**CAMONIANA**

*Conselho de Honra*  
Segismundo Spina

*Editora Científica*  
Maria Helena Ribeiro da Cunha

*Assessora*  
Glória Maria Palma

*Conselho Editorial*  
Cleonice Berardinelli, Aníbal Pinto de Castro  
Evanildo Bechara, José Jobson de Arruda

*Conselho Científico*  
Massaud Moisés (Br.), Carlos d'Alge (Br.), Gilda Santos (Br.),  
Helder Macedo (Inglat.), Maria Helena Rocha Pereira (Port.),  
Maria Helena Ureña Prieto (Port.), Luciana Stegagno Picchio (It.),  
Maria do Céu Fraga (Açores), Rita Marnoto (Port.),  
Yara Frateschi Vieira (Esp.), Maria Isabel Morán Cabanas (Esp.),  
Luís Adão da Fonseca (Port.), Joaquim Romero de Magalhães (Port.).



Rua Irmã Arminda, 10-50  
CEP 17011-160, Caixa Postal 511  
Fone (14) 3235-7111 - Fax (14) 3235-7219  
Bauru - SP - Brasil  
e-mail: edusc@edusc.com.br

---

805\_RC Revista Camoniana : revista de estudos de Literatura Portuguesa do Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade do Sagrado Coração. -- 3ª série , vol. 14 (2003). -- Bauru, SP : EDUSC : Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros, 2003 -  
>  
Semestral  
ISSN 0103-3239

1. Literatura. 2. Literatura Portuguesa.  
I. Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros.

---

Copyright © EDUSC - 2003



NÚCLEO DE ESTUDOS  
LUSO-BRASILEIROS

# SUMÁRIO

MARIA HELENA RIBEIRO DA CUNHA  
Revista Camoniana, 40 anos .....09

GILDA SANTOS  
Honra ao mérito .....15

GILDA SANTOS  
SHEILA MOURA HUE  
Entrevista com Cleonice Berardinelli .....21

## CAMÕES E O SÉCULO XVI

### ARTIGOS

CLEONICE BERARDINELLI  
Diogo Bernardes em Alcácer-Quibir .....47

JOSÉ CARLOS BARCELLOS  
A Fé e o Império: uma leitura teológica de *Os Lusíadas* .....71

JOSÉ V. PINA MARTINS  
Sá de Miranda e o Velho do Restelo .....123

NELLY NOVAES COELHO  
A atual crise do amor e a dialética amorosa camoniana .....147

RITA MARNOTO  
A ambivalência da *mimicry*. Leituras da “Bárbora escrava” .....169

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO  
A descrição camoniana da Europa e a cartografia  
ginecomórfica .....185

SEGISMUNDO SPINA  
Camões e a mulher .....229

XOSÉ MANUEL DASILVA  
Aproximação inicial das traduções espanholas da obra lírica  
camoniana .....245

#### COMENTÁRIO

GEORGE MONTEIRO  
Masefield on Camões .....307

#### PESQUISA

GLÓRIA MARIA PALMA  
Para um dicionário da lírica camoniana .....317

#### CAMÕES E O SÉCULO XX

MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES  
Um caso de paragramatismo lusíada: do “*Adamastor*” camoniano  
n’*Os Lusíadas* a “*O Adamastor*”, de Teixeira de Pascoas .....339

MONICA FIGUEIREDO  
Pela recusa do destino das pedras, Saramago reinscreve  
Camões .....359

#### HISTÓRIA

GILDO MAGALHÃES DOS SANTOS  
Ciências e reformas religiosas no Renascimento .....385

LUÍS FELIPE BARRETO  
Fundamentos da cultura portuguesa da Expansão .....409

#### RESENHAS

Rita Marnoto. *A Vita Nova de Dante Alighieri. Deus, o amor  
e a palavra.*  
(por Lênia Márcia Mongelli) .....453

Bernardim Ribeiro. *História de Menina e Moça*  
(por Marcia Arruda Franco) .....459

#### NOTICIÁRIO

#### NOSSOS COLABORADORES

MEMBROS DOS CONSELHOS .....475

INSTRUÇÕES AOS AUTORES .....477

NOSSA CAPA .....483

# A AMBIVALÊNCIA DA *MIMICRY*. LEITURAS DA “BÁRBORA ESCRAVA”

THE AMBIVALENCE OF *MIMICRY*.  
READINGS ON “BÁRBORA ESCRAVA”

RITA MARNOTO

## RESUMO:

O código literário petrarquista prescrevia o enaltecimento de uma mulher de pele clara e de cabelos loiros. Esse modelo teve uma incidência dominante sobre todas as literaturas européias. Também Camões o seguiu com reverência, numa significativa parte da sua obra poética. Não obstante, uma das composições, na qual amor é apresentado como um sentimento sobremaneira gratificante, é dedicada a uma escrava preta, Bárbara. Da mesma feita, costuma ser incluída entre os seus mais belos poemas. A representação da beleza e da felicidade através da figura de Bárbara implica uma associação de fatores incômoda, que suscitou, ao longo dos séculos, múltiplos comentários. Neste artigo, é elaborado o estudo dessas leituras, à luz da noção de “mimicry”, tal como é concebida por Homi Bhabha.

**Unitermos:** Bárbara escrava; camuflagem; Recepção de Camões; Petrarquismo; Lírica.

## ABSTRACT:

The Petrarchian literary canon revered white-skinned, fair-haired women, and this model held sway over all European literature. Camões

respectfully followed it in most of his poetic works. However, he dedicated a poem, in which love is presented as an extremely gratifying experience, to a black slave, Bárbara, and it is usually considered among his most beautiful poems. The representation of beauty and happiness in Bárbara entails an association of problematic factors that has received a great deal of commentary throughout the centuries. This article focuses on these readings in the light of "mimicry" as conceived by Homi Bhabha.

**Key words:** Bárbara escrava; disguising; Camões' reception; Petrarchism; Lyric poem.

"Parece impossível que sujeito tão *escuro* inspirasse tão linda poesia.  
Chateaubriand traduziu para francês estes versos",  
Visconde de Juromenha.

Foi esse o breve comentário de Juromenha às trovas que Camões dedicou "A uma escrava com quem andava d'amores na Índia, chamada Bárbara", na edição que publicou entre 1860 e 1869, em seis densos volumes.<sup>1</sup> Tão sintético quanto sutil e inquieto.

Nas literaturas europeias, ao longo do extenso lapso temporal que corre entre o Renascimento e o advento do Romantismo, o exemplo petrarquista assume um papel modelar, traduzido na sua afirmação como código homologante de reconhecido valor estético e antropológico. Pelo que diz respeito à representação da figura feminina, é enaltecida uma mulher cuja beleza física está para a sua perfeição aní-

1. Obras de Luís de CAMÕES. *Precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns fatos não conhecidos da sua vida, aumentadas com algumas composições inéditas do poeta* pelo Visconde de JUROMENHA. Lisboa: Imprensa Nacional, v. 4, 1865. p. 464.

mica. A descrição assenta numa série de artifícios retóricos padronizados. Os cabelos louros parecem ouro, o brilho dos olhos é comparado ao dos raios do sol, as faces são rosas, os lábios corais e os dentes pérolas.

Também Camões seguiu esse modelo com reverência. Mas, se já em Petrarca a presença de Laura se afirmava como uma eterna ausência, símbolo da impossibilidade de experienciar um sentimento verdadeiramente gratificante, na lírica camoniana acentuam-se as clivagens que fazem de amor uma vivência atormentada. Nesse contexto, as trovas "à Bárbara escrava" ocupam uma posição muito particular, quer no quadro das literaturas europeias, quer no âmbito da própria obra camoniana.<sup>2</sup> O que suscitou, desde remota data, delicados problemas interpretativos. Na verdade, Camões subverte não só um cânone literário de incidência transsecular, como também estruturas culturais profundamente sedimentadas. Nos seus versos, é explicitamente contestada a superioridade da mulher petrarquista:

Pretos os cabelos,  
onde o povo vão  
perde opinião  
que os louros são belos.  
Pretidão de Amor,  
tão doce a figura,  
que a neve lhe jura  
que trocara a cor.

2. Desenvolvi o tema em MARNOTO, Rita. Camões, Laura e a Bárbara escrava [1997]. *Estudos de literatura portuguesa*. Viseu: Universidade Católica, p. 75-102, 1999. Cito o poema a partir de *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa PIMPÃO. Apresentação de Aníbal Pinto de CASTRO. Coimbra: Almedina, p. 89-90, 1994. Em conformidade com essa edição, mantenho a dissimilação do nome "Bárbara".



O reconhecimento do cânone, por parte do poeta, ainda mais acentua o significado do seu distanciamento. Mas essa atitude é indissociável da derrogação de uma hierarquia de valores de ordem histórica, social e antropológica, que assumia uma função estruturante. Ao discurso sobre o discurso do petrarquismo quinhentista, sobrepõe-se o discurso com o discurso e o discurso com o outro. Camões derroga o pressuposto segundo o qual a cor, a condição de classe e o gênero confinam a escrava a uma posição marginal e subalterna. A beleza de Bárbora é superior à de uma Laura. Além disso, o ideal de uma aliança entre perfeição física e perfeição espiritual, por via neoplatônica, proporciona ao poeta a harmonia amorosa a que Petrarca sempre aspirou, sem que nunca a tivesse podido alcançar. Concomitantemente, desfaz-se a barreira entre escrava e senhor:

Presença serena  
que a tormenta amansa;  
nela enfim descansa  
toda a minha pena.  
Esta é a cativa  
que me tem cativo,  
e, pois nela vivo,  
é força que viva.

A representação desse ideal de beleza e de felicidade, através da subversão de um cânone literário instituído e a partir de uma abertura à diferença e à diversidade que supera fronteiras de cor, gênero e condição social, foi considerada, pelos leitores de Camões, como uma contradição extremamente embaraçosa, conforme o mostra o citado comentário de Juromenha. Tão embaraçosa que, ao longo dos séculos, as grandes questões interpretativas suscitadas pelas trovas redundaram nas várias tentativas de reinventar Bárbora. É o sentido dessas leituras que me proponho analisar.

O primeiro crítico que conferiu particular relevo à escrava de Camões foi Manuel de Faria e Sousa, na edição comentada de *Rimas várias*, publicada entre 1685 e 1689. Ao referir-se ao verso da canção décima, "A piedade humana me faltava", esse erudito observa que Camões suportava tamanhas privações econômicas que teve de pedir esmola. Não foi dos grandes que a recebeu, mas de gente humilde. Quatro reais, dois reais e até um real, quando não "el plato de asqueroso mantenimiento que se anda a vender por las puertas de los miserables en Lisboa".<sup>3</sup> Então, irrompe Bárbora em pessoa, uma mulata que dava ao poeta um prato da comida que vendia, e algumas moedas. O simbolismo que atribui à sua figura serve-lhe de farpa política, através de um jogo de palavras com o seu nome: "O Barbara politica, que enseñavas a ser politicas aquellas barbarissimas Deidades Portuguesas!"<sup>4</sup>

No comentário à ode décima, "Aquele moço fero", Bárbora volta a fazer-se tema. Em seu entender, a composição foi escrita quando Camões, na Índia, se enamorou por uma sua escrava, "y no solo esclava, mas aun negra: que, alfin, era de carne mi Poeta".<sup>5</sup> Faria e Sousa identifica-a com a destinatária das trovas, precisando que nunca veio para Lisboa. É com entusiasmo que defende duas causas, a sua pretidão e a dignidade de uma tradição que louva a beleza de mulheres que não são louras. Para justificar que, de fato, ela "era negra como la no-

3. *Rimas várias* de Luís de CAMÕES. Comentadas por Manuel de Faria e SOUSA. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, segunda parte, tomo 3, p. 90, 1972 ("Fue tanto assi esto, que llegó a pedir limosna, y a no hallarla, a lo menos en los Portugueses grandes, que estos son los grandes Portugueses. Vióse reduzido un Hombre que solo fue mayor que todos ellos juntos, a acetar de personas comunes los quatro reales, y los dós, y a un el real para no morir de hambre. Que digo el real de personas comunes? Acetava el plato de asqueroso mantenimiento que se anda a vender por las puertas de los miserables en Lisboa").

4. Ibid.

5. Ibid., p. 179.



che", observa que Camões "se olvida cuydadosissimo de hablar en colores, y vase á asir de la forma, y del ayre deste cuerpo y tacitamente dá á entender que el ser negra su esclava no la excluía de hermosa".<sup>6</sup> E, ao fazer um elenco de textos e autores onde são tratados temas semelhantes, converte Andrômeda e a Rainha de Sabá em ilustres pretas. Num esforço de compreensão pelo amor do seu poeta, chega a relativizar o conceito de beleza, considerando que, se "entre los negros es máspreciado de hermoso el que es más negro, [...] entre los blancos la muger más blanca".<sup>7</sup> Por esse conjunto de razões, Camões escapa à sua condenação moral. Mas só em parte: "y assi no puede ser culpado en estos amores más de en quanto eran con esclava suya".<sup>8</sup>

Nas considerações de Faria e Sousa, em vão buscaremos uma lógica conseqüente. Uma escrava, ou duas com o mesmo nome? Na Índia, ou em Lisboa? Preta, ou mulata? Amante, ou cozinheira solidária? Se a multiplicidade de pontos de vista fascina o homem do Barroco, essa exuberância é acentuada, neste caso, pela verdadeira devoção que o crítico dedicava a "su poeta". E, no entanto, o seu comentário às trovas dedicadas à Bárbora escrava nunca foi, efetivamente, editado.<sup>9</sup> Apesar disso, Faria e Sousa marcou, de forma indelével, as leituras que os séculos subseqüentes delas vieram a fazer.

O discurso que a crítica pós-iluminista dedicou às trovas de Camões encontra-se profundamente marcado pelo processo de represen-

tação do outro que Homi Bhabha designou de "mimicry", conceito que poderá ser traduzido, em português, como "camuflagem". Em seu entender, através desse processo, "the representation of a difference [...] is itself a process of disavowal".<sup>10</sup> Trata-se, pois, de um discurso duplo e ambíguo, que admite a diferença, ao mesmo tempo que estabelece uma distinção. Por um lado, Bárbora é "apropriada", ao ser inserida num sistema que disciplina o poder e o conhecimento. Por outro lado, é diferenciada pela cor, pelo gênero e pela condição de classe, sinais de que nela há algo de "desapropriado", "as a subject of a difference that is almost the same, but not quite".<sup>11</sup> Conseqüentemente, a sua visibilidade surge no lugar do interdito, tornando-se, ao mesmo tempo, incompleta e virtual, semelhante e ameaçadora. O contraponto entre factualidade e ficção fica bem patente, aliás, no compromisso ambivalente e irônico gerado entre a remissão para dados históricos e a repetição e rearticulação dos grandes tópicos da mitobiografia camoniana. Esse discurso orienta-se em torno de dois grandes filões interpretativos.

O primeiro integra Bárbora como um elemento do mundo do trabalho, evitando alusões explícitas a um enlevo amoroso que a tivesse ligado ao poeta, na linha do comentário de Faria e Sousa à ode décima. A bela mulher preta que inspirou a Camões o poema da felicidade amorosa continua a parecer "desapropriada", pelo que se evita a focalização das contradições implicadas pela sua beleza e pela felicidade que oferecia ao amante. Enquanto mulher, é reconduzida para o espaço onde a sociedade do século XIX coloca o feminino, o mundo do-

6. Ibid., p. 183.

7. Ibid., p. 184.

8. Ibid. No comentário a outras composições, tais como, por exemplo, o soneto, "Em prisões baixas fui um tempo atado" (Ibid., primeira parte, tomo 1, p. 15), Faria e SOUSA retoma o problema moral, referindo-se aos castigos a que o poeta foi sujeito por ter amado uma escrava.

9. O comentário dividia-se em oito tomos, que se encontravam prontos antes de 1646. Faria e Sousa morreu três anos mais tarde, e só os cinco primeiros vieram a ser publicados, a título póstumo. Parte das églogas, as redondilhas, as comédias e as prosas permaneceram, pois, inéditas.

10. BHABHA, Homi, Of Mimicry and Man. The Ambivalence of Colonial Discourse [1984], *Tensions of Empire. Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Edited by Frederick COOPER / Ann Laura STOLER. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, p. 153, 1997.

11. Ibid., p. 153.

méstico. E eis a Bárbora cozinheira. Wilhelm Storck, que diz que ela era uma mulata batizada “Luísa Bárbara”,<sup>12</sup> conta que trabalhava como governanta, na Índia, e atribui-lhe excelentes dotes culinários. De acordo com o relato biográfico que escreveu, quando Camões convidou os seus amigos para jantar, e lhes ofereceu como alimento os célebres versos do *Convite*, foi ela quem preparou a verdadeira refeição. Os gracejos dos convivas terminaram com a sua entrada na sala, “a servir o primeiro prato da alegre ceia e a encher de bom vinho português os copos dos comensais”.<sup>13</sup> E tão forte foi a empatia que a cena suscitou à ilustre tradutora, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que esta lhe acrescenta uma nota na qual, em cumplicidade com o leitor, tematiza o próprio excesso que caracteriza a “mimicry”:

O leitor dirá, se me excedo, acrescentando mais um pormenor, ampliando o quadro traçado por Storck: No fim do jantar, os amigos alegres festejaram a arte culinária de Luísa Bárbara, que se esquivou, modesta, aos louvores dos convidados... Mas o Poeta e Anfitrião, erguendo o cálix, levantou, brindando, vivas à Luísa Bárbara, cujos olhos sossegados e cuja presença tinham cativado o seu coração, e apresentando-a aos amigos, cantou em um acesso de ímpeto juvenil:

Esta é a cativa,  
que me tem cativo,  
e pois nela vivo,  
é força que viva!

12. O nome de Luísa Bárbara foi-lhe dado por Juromenha, que se inspirou em algumas composições satíricas, do tempo de Camões, que troçavam do seu amor por uma preta, jogando com o feminino do seu nome (*Obras*, v. 1, p. 156-157 e 506).

13. STORCK, Wilhelm. *Vida e obras de Luís de Camões*. Primeira parte. Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Lisboa: Academia Real das Ciências, p. 618-619, 1897 [*Luís' de Camoens Sämmtliche Gedichte. Zum ersten Male deutsch von Wilhelm STORCK. Erster Band. Buch der Lieder und Briefe*. Paderborn, 1880]. Apesar de não admitir que Camões se tivesse deixado influenciar pela dissolução da vida oriental (*Ibid.*, p. 500-501), Storck interpreta o soneto “Em prisões baixas fui um tempo atado”, na seqüência de Faria e Sousa, como ato de arrependimento pela “afeição sensual, sem elevação nem caráter, que o enleara” (*Ibid.*, 623).

O valor cósmico atribuído a amor, como elan vital, evolui no sentido da exaltação interjecional, com a correlata alteração da fisionomia do texto: “viva!”. Bárbora é integrada, metonimicamente. Trabalha com brio, e é chamada à sala, não obstante Carolina sugira que o coração de Camões não lhe seja indiferente. Gera-se, então, uma crise, decorrente da prioridade cultural que é concedida ao metafórico, e que requer, segundo Homi Bhabha, a rearticulação do eixo da metonímia. A diferença não é reprimida, mas negociada em função da metonímia, de modo a criar um “efeito de identidade” que reentra no âmbito da fantasia e da ilusão.<sup>14</sup>

O desejo de integrar Bárbora passa também pela representação do seu relacionamento com Camões no contexto de uma situação hierárquica subalterna, fruto da qual a sua alteridade é admitida, mas no quadro de um ideal de caridade filantrópica. Na primeira biografia de Camões, publicada nas páginas iniciais da edição de *Os Lusíadas* de 1613, Pedro Mariz diz que o poeta regressou da Índia tão pobre, que o seu escravo javanês lhe pedia duas moedas para carvão e ele não as tinha.<sup>15</sup> A partir daí, nasce a lenda do escravo que pede esmola pelas ruas de Lisboa, para matar a fome de seu amo. A Bárbora que atenua a penúria de Camões, na última fase da sua vida, poderá ser interpretada como correspondente feminino do escravo javanês. Antônio Feliciano de Castilho, no drama *Camões*, atribui-lhe “mãos largas” e uma sensibilidade apuradíssima.<sup>16</sup>

14. BHABHA, Homi. op. cit., p. 157.

15. Lisboa, Pedro Crasbeeck, p. s. n.

16. CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Camões. Estudo histórico-poético liberramente fundado sobre um drama francês dos Snrs. Victor Perrot e Armand Dumesnil*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, v. 1, p. 184, 1906 [1. ed., 1849; 2. ed., 1864].

[Camões] Quantos dias, se não fora a sua caridade, não houvérámos passado sem comer, Antônio! E mais, coitada, é uma pobre de Cristo. Sempre assim foi: mãos largas, mãos largas, e delicadeza para acudir, sem envergonhar os pobres. De noite, apregoa marisco por essas ruas; de manhã, vende ramilhetes, um'ora no alpendre de S. Domingos, outr'ora e as mais das vezes onde nós a achámos em desembarcando: no Terreiro do Paço, ao pé da Casa dos Contos. É porque de ali – me disse ela – se vê o mar, e as caravelas que vêm e vão, que tudo lhe faz muita saudade. Pobre Bárbara!

A "pobre mulata" é tão delicada que escolhe os lugares de negócio em função dos seus afetos. Não é só comida que dá a Camões. Também o raminho, cujas flores haverão de o acompanhar à sepultura, por ela lhe foi oferecido. No entanto, Bárbora não chega a ser admitida, como efetiva personagem do drama. Existe, porque as personagens falam dela, mas nunca chega a ter voz. Entrega as dádivas, informa-se sobre o estado do poeta, e parte, sem nunca satisfazer o seu desejo de a ver. É uma metonímia dramática, um objeto de discurso que nunca é corporizado na ribalta. Esse desejo interditivo corresponde aos objetivos estratégicos que Bhabha designa como "metonímia de presença."<sup>17</sup>

Para culminar o percurso imagético ligado à nutrição, recorde-se Costa e Silva. Com o conceituado crítico, do prato de comida de Faria e Sousa e do pregão do marisco de Castilho, passa-se à venda de "mexilhões",<sup>18</sup> uma prática comum na Lisboa oitocentista. Complacente, Costa e Silva não hesita em afirmar que "a beleza é de todas as co-

17. BHABHA, Homi. op. cit., p. 156.

18. SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*. Lisboa: Imprensa Silvana, 1851. v. 3, p. 211.

res",<sup>19</sup> mas sem acreditar que Camões alguma vez estivesse "doudo de amores pela gentil negrinha", argumentando:<sup>20</sup>

[lembro-me] da resposta dada pela Ama do Doutor Swift a uma Lady, que lhe dava os parabéns de ser amada por homem de tanto engenho, e que tanto a celebrava nos seus versos. "Ah, Senhora, dizéis isso, porque não sabéis que o Deão é capaz de dizer ainda finezas mais ternas, e cousas mais galantes em verso, à vasoura, com que eu varro a casa!"

O segundo modo de representação parte do relacionamento amoroso entre Camões e Bárbora, na linha do comentário de Faria e Sousa à ode décima. Encontra-se intimamente ligado àquela face da mitobiografia camoniana que faz do poeta um amante inveterado, o "Trinca-fortes" que se envolveu em rixas e conviveu com gente que não era da sua estirpe. A "vida" do Visconde de Juromenha mostra bem o amplo sucesso de que gozou essa imagem, no século XIX.<sup>21</sup> A harmonia entre amor sensual e amor espiritual, tal como surge no texto das trovas, é sujeita a um efeito de distinção. Conseqüentemente, a valorização metonímica do primeiro desses planos redundava na representação de uma experiência acentuadamente erótica. A emersão dessa componente não era facilmente aceite pela moral oitocentista. Daí a ânsia justificativa, entre culpabilização, perdão e cumplicidade, que se traduz na extravagância das várias tentativas de disciplinar uma Bárbora preta, escrava e amante, através da astúcia do desejo.

19. Ibid.

20. Ibid., 211.

21. Vida de Luís de Camões, *Obras de Luís de CAMÕES*, v. 1, p. 156.

Xavier da Cunha exprime claramente a ameaça que fica contida nessa semelhança:<sup>22</sup>

Amor... amor... aquilo que em linguagem de povos civilizados se entende por "amor", não creio e não cre ninguém que seja sentimento atribuível a indivíduos que nascem, vivem, e se conservam numa situação de selvagens boçais; e nessas circunstâncias de animalidade está invariavelmente o preto de África.

À sua erudição se deve uma das mais monumentais tentativas de criar uma versão autorizada da alteridade de Bárbora. Trata-se de um volume de 851 páginas, de grande elegância plástica e tipográfica.<sup>23</sup> Se já Juromenha se confrontara com a beleza do poema, reconhecida por Chateaubriand, que o verteu para francês, Xavier da Cunha reúne mais de 100 traduções do seu texto. Para resolver uma contradição tão embaraçosa, o crítico defende a tese segundo a qual Bárbora não era preta, mas morena, trigueira, de cor bronzeada, mulata no máximo dos máximos:<sup>24</sup>

"Pretos os cabelos"! — note-se bem. Nunca ninguém tal disse da emaranhada carapinha de uma africana! E seria então lícito admitir que um admirador do loiro, como Camões se prezava de confessar-se a cada passo, viesse pôr em relevo, ante o "aureo crino" do seu constante amor, o horroroso topete de uma horrorosíssima etíope?

22. CUNHA, Xavier da. *Preitidão de amor. Endeças de Camões a Bárbara escrava seguidas da respectiva tradução em várias línguas e antecedidas de um preâmbulo*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 156, 1893.

23. A empresa avulta também em termos económicos. Foram apenas tiradas 300 cópias do livro, numeradas, impressas em seis diversas qualidades de papel, que se destinavam, exclusivamente, para oferta. Ainda hoje pode ser consultado para um levantamento extensivo da bibliografia portuguesa e estrangeira até então dedicada ao assunto.

24. *Ibid.*, p. 152.

Além disso, Bárbora não podia ser escrava de Camões, porque o poeta não possuía a quantia necessária para comprar uma. Seria escrava do governador Francisco Barreto, o que lhe valeu perseguições.<sup>25</sup> Desta feita, Xavier da Cunha contorna as questões relativas a cor e condição de classe, fazendo do poeta uma vítima de punições. Mas porque se teria então enamorado por ela? "Almost the same but not white":<sup>26</sup> "E o que se prova... O que se prova é que... *Variatio delectat*", conclui.<sup>27</sup> O seu verdadeiro amor, dedica-o Camões a mulheres que lhe são socialmente homólogas. Mesmo Teófilo Braga, para quem Camões "em amor nunca andou a um só remo",<sup>28</sup> lhe reconhece três grandes paixões, todas elas consagradas a senhoras de alta linhagem, Isabel Tavares, Francisca de Aragão e Catarina de Ataíde.<sup>29</sup> Bárbora é a outra.

Juromenha, um dos primeiros críticos a referir-se, explicitamente, ao erotismo da relação, atribui à senilidade de Camões "esta distração", "que ficando solitário, e em trevas no mundo, parece que também nas *trevas* queria viver."<sup>30</sup> O branqueamento de Bárbora levou Xavier da Cunha a distinguir várias escravas, no comentário de Faria e Sousa. Segundo esse crítico, a bela e sensual Bárbora das trovas não foi a que veio para Lisboa e lhe amparou a velhice. Diversa era a opinião de Juromenha. Através de um discurso ambivalente, sobrepõe a amante e o sustentáculo pecuniário do poeta. Isso só po-

25. *Ibid.*, p. 243-50.

26. BHABHA, Homi. op. cit., p. 156.

27. CUNHA, Xavier da. op. cit., p. 237.

28. BRAGA, Teófilo. *Camões. Época e vida*. Porto: Chardron, p. 578, 1907.

29. Na obra que dedica, especificamente, a *Os amores de Camões*. Porto: Renascença Portuguesa, 1917.

30. JUROMENHA, Visconde de. *Vida de Luís de Camões, Obras de Luís de CAMÕES*, v. 1, p. 157-158.



dia acontecer porque "a alma mais cândida" habitava "um corpo negro". Assim sendo, a relação é "normalizada" no quadro de um hipotético sistema de trocas mediante o qual o sustento com que Bárbara lhe mitigava "os tormentos da vida" seria compensado por aquela "gratidão que ultrapassava os limites da amizade."<sup>31</sup> Estabelecem-se, pois, relações de reciprocidade, situadas para além daquelas diferenças de cor, gênero e situação de classe que Juromenha não descuidava. Essa articulação de realidade e desejo contém em si contradições tão fortes, que o seu desenvolvimento não deixará impune a autoridade da representação.

Teófilo Braga teria tido essa percepção. Teófilo dedicou inúmeros trabalhos à vida e à obra de Luís de Camões, ao longo de um percurso crítico que se desenvolve de forma evolutiva. O tratamento de Bárbara é acompanhado por um crescendo, na acumulação de autoridades que são ilustres apreciadores dos encantos de "indianas, malaias, javanesas, drávidas e malabares, desde o branco ebúrneo à cor retinta, quase metálica": Linschott, François Pyrard, Anquetil du Perron, Chateaubriand, ou Alberto Osório de Castro.<sup>32</sup> O saber de François Pyrard assegura-lhe que, "entre as escravas, encontram-se ali raparigas mui belas e lindas, de todas as partes da Índia, as quais pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, coser mui delicadamente e fazer toda a sorte de doces, conservas e outras coisas."<sup>33</sup> Bárbara torna-se, então, a "mulher completa", senhora de todos os dotes. Bailadeira, cantava a Camões "estrofes da apaixonada poesia popular indú e indústâ-

31. Ibid.

32. BRAGA, Teófilo. *Camões. Época e vida*, p. 575-9.

33. BRAGA, Teófilo. *Camões e o sentimento nacional*. Porto: Chardron/Lugan e Genelieux, p. 36, 1891.

nica".<sup>34</sup> Na tentativa de resolver as grandes questões, relacionadas com o cânone e com estruturas culturais profundamente sedimentadas, Teófilo deduz das suas pesquisas que:<sup>35</sup>

É de supor ter sido Camões o requestado, pelo que se depreende dos costumes descritos por Pyrard: "todas estas mulheres da Índia, assim as cristãs ou mestiças, desejam mais ter trato com um homem da Europa, cristão velho, do que com os Índios, e ainda em cima lhe dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas por isso, porque elas amam muito os homens brancos, e ainda que haja índios mui brancos, não gostam tanto deles."

O deslize, no sentido do excessivo, que é característico da "mimicry" cria um efeito de "boomerang". Comportamentos ocidentais masculinos são transferidos para a esfera do feminino oriental. O próprio homem europeu é sujeito a uma diferenciação de ordem histórico-religiosa, que põe em evidência a superioridade dos cristãos velhos. Como tal, é desmentida a incompletude da representação feminina. A alteridade de Bárbara é a mesma. "It is then, escreve Homi Bhabha, that the body and the book lose their representational authority."<sup>36</sup>

Talvez seja por esse motivo que Agostinho de Campos, ao comentar as trovas de Camões, se distancie de Teófilo e do "caso de mixorofada do *ethos* com outros *ethos* mais ou menos enfarruscados e inferiores."<sup>37</sup> Em sua opinião, o problema reside no fato de que:<sup>38</sup>

34. BRAGA, Teófilo. *Camões. Época e vida*, p. 577.

35. BRAGA, Teófilo. *Camões e o sentimento nacional*, p. 37.

36. BHABHA, Homi. op. cit., p. 158.

37. CAMÕES LÍRICO. Edição organizada e anotada por Agostinho de CAMPOS. *Primeiro volume. Redondilhas*. Paris/Lisboa/Porto/Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand/Chardron/Francisco Alves, p. 83, 1923.

38. Ibid., p. 76-77.

Portugal continua a fazer hoje em África, como ontem fez na Índia, na China, na Malásia e na América, uma colonização de cruzamento, da confusão e mistura com as raças locais, autóctones, ou por ele próprio transplantadas de umas Conquistas para outras. Assim colonizou sempre e coloniza ainda Portugal, não por princípio político, mas por bondade piegas, que inibe os homens de arriscarem a saúde e a vida das mulheres brancas na fereza dos climas tropicais; por deficiência de tino organizador, que impede o Português de preparar nas colônias a luta metódica e eficaz contra o ambiente físico, em ordem a estabelecer ao longe em condições vivendoiras, como sempre conseguem os Ingleses, o seu casal europeu; por falta de orgulho de raça e abundância de coração paternal, que leva os nossos colonizadores a guardar e educar o filho mestiço, tão ternamente como se fosse de sangue puro. E assim, quando tenhamos, como nos cumpre, deixado de esquecer tudo isto, facilmente concluiremos que o nosso Camões se revela bem nosso, quando nos conta em belos versos a beleza das Bárbaras ou a saudade das Dinamenes.

Mais incômodo do que a contradição entre o cânone, a cor, e a beleza, parece ser o próprio processo de "mimicry".